

# Israel e a Profecia

Kenneth Gentry

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto<sup>1</sup>

O papel de Israel como um povo radicalmente distinto da Igreja é a característica principal do dispensacionalismo. De fato, como Poythress sugere, essa pressuposição teológica é provavelmente a *raison d'être* da hermenêutica literalista: “O dualismo de Israel e a igreja é, de fato, o dualismo mais profundo determinando quando e onde o dualismo hermenêutico do ‘literal’ e ‘espiritual’ é aplicado”.<sup>3</sup> Os exegetas evangélicos não-dispensacionalistas estão de acordo contra a dicotomia radical Israel/Igreja do dispensacionalismo.

É necessário que os não-dispensacionalistas entendam a importância do *entendimento de Israel pelo dispensacionalismo*, pois aqui reside um erro fundamental do sistema inteiro. Esse erro crucial distorce a idéia inteira do progresso da redenção, a unidade do povo de Deus, o cumprimento da profecia e a interpretação da Escritura.

Ryrie aponta a distinção de Israel como o primeiro dos três *sine qua non* do dispensacionalismo: “Um dispensacionalista mantém a distinção entre Israel e a Igreja”.<sup>4</sup> Em outro lugar, ele é ainda mais detalhado:

(1) A Igreja não está cumprindo em nenhum sentido as promessas feitas a Israel. (2) O uso da palavra *Igreja* no Novo Testamento nunca inclui israelitas não-salvos. (3) A era da igreja não é vista no programa de Deus para Israel. Ela é uma intercalação. (4) A Igreja é um mistério no sentido que era completamente não-revelada no Antigo Testamento e agora revelada no Novo Testamento. (5) A Igreja não começou até o dia de Pentecostes e será removida deste mundo no arrebatamento que precede a Segunda Vinda de Cristo.<sup>5</sup>

A Escritura não apóia tais afirmações teológicas, como demonstrarei.

---

<sup>1</sup> E-mail para contato: [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com). Traduzido em março/2007.

<sup>2</sup> Nota do tradutor: Francês, significando “razão de ser”.

<sup>3</sup> Poythress, *Understanding Dispensationalists*, p. 24.

<sup>4</sup> Ryrie, *Dispensationalism Today*, p. 44. Veja também: Pentecost, *Thy Kingdom Come*, p. 9. Walvoord, *The Nations, Israel, and the Church in Prophecy*, seção “Nations”, pp. 56ff. Feinberg, “Systems of Discontinuity”, *Continuity and Discontinuity*, pp. 81ss. House and Ice, *Dominion Theology*, pp. 29ss.

<sup>5</sup> Ryrie, *Basis of the Premillennial Faith*, p. 136.

## *Israel na Escritura*

O Israel do Antigo Testamento é o precursor e está em continuidade com a fase do Novo Pacto<sup>6</sup> da Igreja, que é a fruição de Israel. Assim, os cristãos do Novo Testamento podem até mesmo chamar Abraão de nosso pai (Rm. 4:16) e o povo do Antigo Pacto de nossos “pais” (1Co. 10:1). Isso claramente evidencia uma relação genealógica *espiritual*. Empregando outra figura, é dito que fomos enxertados em Israel (Rm. 11:16-19), de forma que chegamos a ser um com ele, participando de suas promessas (Ef. 2:11-20). De fato, o Senhor apontou doze apóstolos para servir como *a semente espiritual de um Novo Israel*, substituindo os doze filhos do Israel do Antigo Pacto. Tanto os nomes das doze tribos (como representantes do Antigo Pacto) como os nomes dos doze apóstolos (como representantes do Novo Pacto) são incorporados em uma cidade de Deus, a Nova Jerusalém (Ap. 21:12, 14).

Os dispensacionalistas afirmam fortemente que “as Escrituras não usam o termo Israel para se referir a ninguém, a não ser aos descendentes naturais de Jacó”.<sup>7</sup> Todavia, somos designados pelos termos associados com o povo do Antigo Pacto: somos chamados de a “semente de Abraão”,<sup>8</sup> “a circuncisão”,<sup>9</sup> “um sacerdócio real”,<sup>10</sup> “doze tribos” (Tg. 1:1), “*diáspora*” (1Pe. 1:1), o “templo de Deus”.<sup>11</sup> Esses termos não falam claramente da essência da identidade actual de Israel? Os judeus confiavam e se orgulhavam da descendência de Abraão,<sup>12</sup> e a circuncisão era uma marca actual distinguidora dos judeus<sup>13</sup> - contudo, esses conceitos são aplicados aos cristãos. Pedro segue o pensamento de Paulo, quando designa os cristãos como “pedras” sendo edificadas numa “casa espiritual” (1Pe. 2:5-9). Mas ele faz mais; ele traça várias designações do Israel do Antigo Testamento e aplica-as à Igreja: “... raça eleita, sacerdócio real, nação santa”.<sup>14</sup> Ele, com Paulo, também chama os cristãos de “um povo peculiar” (1Pe. 2:10; Tito 2:14, versão do autor), que é uma designação familiar do Antigo Testamento para Israel.<sup>15</sup>

---

<sup>6</sup> Nota do tradutor: “Pacto” e “aliança” são usados de maneira intercambiável na Escritura, e aqui também.

<sup>7</sup> Feinberg, *Millennialism*, p. 230. Veja também: *The New Scofield Reference Bible*, p. 1223. “O termo *Israel* não é usado em lugar algum na Escritura para se referir a alguém, exceto aos descendentes físicos de Abraão”. Pentecost, *Things to Come*, p. 127.

<sup>8</sup> Rm. 4:13-17; Gl. 3:6-9, 29.

<sup>9</sup> Rm. 2:28-29; Fp. 3:3; Cl. 2:11,

<sup>10</sup> Rm. 15:16; 1Pe. 2:9; Ap. 1:6; 5:10. Veja: Ex. 19:6.

<sup>11</sup> 1Co. 3:16-17; 1Co. 6:19; 2 Cor. 1:16; Ef. 2:21.

<sup>12</sup> Lemos frequentemente de “o Deus de Abraão” (Gn. 28:13; 31:42, 53; Ex. 3:6, 15-16; 4:5; 1Rs. 18:36; 1Cr. 29:18; 2Cr. 30:6; Sl. 47:9; Mt. 22:32; Marcos 12:36; Lucas 20:37; Atos 3:13; 7:32). Os judeus esperavam bênçãos em termos de sua descendência abraâmica (Mt. 3:9; 8:11; Lucas 3:8; Lucas 13:16, 28; Lucas 16:23-30; 19:9; João 8:39, 53; Rm. 11:1; 2Co. 11:22).

<sup>13</sup> A circuncisão é o sinal especial do pacto de Deus com Abraão e Israel (Gn. 17:10,13). A circuncisão é mencionada 86 vezes nas Escrituras; os incircuncisos são mencionados 61 vezes.

<sup>14</sup> 1Pe. 2:9-10; Ex. 19:5-6; Dt. 7:6.

<sup>15</sup> Ex. 19:5; Dt. 14:2; 26:18; Sl. 135:4.

Se Abraão pode ter gentios como sua “semente espiritual”,<sup>16</sup> por que não pode existir um *Israel espiritual*? Na realidade, os cristãos são chamados pelo nome de “Israel”: “E, a todos quantos andarem de conformidade com esta regra, paz e misericórdia sejam sobre eles e sobre o Israel de Deus” (Gl. 6:16). Embora os dispensacionalistas tentem entender Gálatas 6:16 como falando dos judeus convertidos ao Cristianismo, “que não se opunham à gloriosa mensagem de salvação do apóstolo”,<sup>17</sup> tal certamente não é o caso, como veremos.

O *contexto inteiro de Gálatas* é colocado contra alegações a um *status* ou distinção judaica especial, como encorajado pelos dispensacionalistas. “Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes. Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl. 3:26-28). Em Cristo, *toda distinção racial foi abolida*. Por que Paulo teria uma palavra especial para os cristãos judeus (“o Israel de Deus”), quando ele tinha acabado de dizer que não existe nenhum motivo para vanglória, exceto na cruz de Cristo (Gl. 6:14)? Afinal, “em Cristo Jesus, nem a circuncisão nem a incircuncisão têm virtude alguma, mas sim o ser uma nova criatura” (Gl. 6:15, RC). Essa nova criatura é mencionada em detalhe em Efésios 2:10-22, onde somos informados que os judeus e gentios foram unidos num só corpo. Esse corpo é a Igreja.

É importante observar, como Poythress o faz, que a Igreja não é uma continuação em “linha reta” de Israel. Ela cumpre Israel por meio de Cristo.<sup>18</sup> *Todas* as promessas de Deus são “sim” e “amém” em Cristo (2Co. 1:20). Visto que somos todos filhos de Abraão (Gl. 3:29) através de Cristo, recebemos a plenitude da bênção por meio dele (Rm. 8:17; Ef. 1:23; Cl. 2:10).

O bem conhecido e vitalmente importante “Novo Pacto” foi originalmente estruturado em terminologia judaica: “Eis aí vêm dias, diz o SENHOR, em que firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá” (Jr. 31:31-33<sup>19</sup>). Mas a despeito das distorções que os dispensacionalistas fazem para evitar o óbvio – alguns até mesmo declarando que existem dois Novos Pactos<sup>20</sup> – esse Novo Pacto (Aliança) veio especialmente à existência

---

<sup>16</sup> *New Scofield Reference Bible*, p. 1223 (em Rm. 9:6).

<sup>17</sup> *Ibid*, Veja também: Ryrie, *Dispensationalism Today*, p. 139; Pentecost, *Things to Come*, p. 89; Donald K. Campbell, “Galatians”, *Bible Knowledge Commentary*, 1:611.

<sup>18</sup> Poythress, *Understanding Dispensationalists*, p. 126.

<sup>19</sup> Veja também: Ez. 11:16-21; Joel 2:32; Zacarias 3:12-13.

<sup>20</sup> Veja Ryrie, *Basis of the Premillennial Faith*, cap. 6, e Pentecost, *Things to Come*, cap. 8, para maiores detalhes. Aqui tem havido uma séria divisão, mesmo dentro dos círculos dispensacionalistas, sobre a função do Novo Pacto, como ilustrado na obra de Ryrie. Essas visões são: (1) A visão dos judeus somente. Essa é “a visão de que o novo pacto diz respeito diretamente a Israel e não tem nenhuma relação para com a Igreja” (p. 107). (2) A visão de Um Pacto/Dois Aspectos: O “novo pacto tem dois aspectos, um que se aplica a Israel, e outro que se aplica à igreja” (p. 107). (3) A visão dos Dois Novos Pactos. Essa

nos dias de Cristo. Deveríamos observar que o Novo Pacto é especificamente aplicado à Igreja: (a) Pentecost está absolutamente correto, quando escreve do estabelecimento da Ceia do Senhor: “Em seu cenário histórico, os discípulos que ouviram o Senhor se referir à nova aliança... certamente entenderam que ele estava se referindo à nova aliança de Jeremias 31”.<sup>21</sup> O que poderia ser mais óbvio? (b) De fato, o súbito aparecimento da designação de “Novo Pacto” no registro do Novo Testamento, sem qualificação ou explicação, demanda que ele deva se referir ao bem conhecido Novo Pacto de Jeremias (Mt. 26:28; Marcos 14:24; Lucas 22:20; 1Co. 11:25). O apóstolo aos gentios até mesmo promove o Novo Pacto como um aspecto importante do seu ministério (2Co. 3:6). Ele não diz que ele é um ministro de uma “segunda nova aliança” ou de “outra aliança”. Resumindo: “Uma Igreja – uma Nova Aliança”.

Hebreus 8 – e isso é reconhecido por todos – cita a Nova Aliança de Jeremias num contexto no qual ele está falando aos cristãos do Novo Testamento. Todavia, Ryrie argumenta que “o escritor da Epístola se referia às duas novas alianças”.<sup>22</sup> Isso é literalismo?<sup>23</sup>

Embora Ryrie afirme dogmaticamente que “Israel significa Israel” via sua hermenêutica literalista, ele o faz sobre a base de um princípio aplicado de maneira inconsistente. Em outro lugar, Ryrie falha em demandar que “Davi” significa “Davi”. Ele cita Jeremias 30:8-9 como prova do reino milenar do Messias: “Que servirá ao SENHOR, seu Deus, como também a Davi, seu rei, que lhe levantarei”. Então ele diz: “O profeta queria dizer o que disse – e o que mais poderíamos crer...?” Ele cita também Oséias 3:4-5, onde “Davi, seu rei” deve ser achado no milênio, e então comenta: “Assim, o Antigo Testamento proclama um reino a ser estabelecido sobre a terra *pelo Messias*, o Filho de Davi, como o herdeiro do pacto davídico”.<sup>24</sup> Isso é literalismo?

Outras passagens ilustrando como a Igreja cumpre as profecias com respeito a Israel são encontradas no Novo Testamento. Citando Amós 9:11-12, Tiago diz que Deus está reconstruindo o tabernáculo de Davi por meio do chamado dos gentios (Atos 15:15ss).<sup>25</sup> Em Romanos 15:8-12, Paulo observa que a conversão dos gentios é uma “confirmação das promessas aos pais”. E pelo menos um dos versículos apresentados como prova fala do reino e governo messiânico de Cristo (Rm. 15:12). Em Atos, a pregação do evangelho

---

é a visão de Ryrie; ele na verdade “distingue o novo pacto com Israel do novo pacto com a Igreja. Essa visão encontra dois novos pactos nos quais as promessas a Israel e à Igreja são mais severamente distinguidas, embora os dois novos pactos sejam baseados sobre o único sacrifício de Cristo” (p. 107).

<sup>21</sup> Pentecost, *Things to Come*, p. 126.

<sup>22</sup> Ryrie, *Basis of the Premillennial Faith*, p. 121.

<sup>23</sup> Nota do tradutor: O dispensacionalismo afirma que devemos interpretar toda a Escritura de maneira literal.

<sup>24</sup> *Ibid.*, pp. 86-87, 88. (ênfase minha)

<sup>25</sup> O. Palmer Robertson, “Hermeneutics of Continuity”, *Continuity and Discontinuity*, cap. 4.

lembra a própria esperança dos judeus, que foi feita aos pais (Atos 26:6-7). *As promessas não apresentam um reino político e literal, mas um reino espiritual do evangelho.* O Salmo 2 começa seu cumprimento na ressurreição de Cristo – não na Segunda Vinda (Atos 13:32-33). A profecia foi cumprida.

O argumento de Ryrie que a “Igreja” nunca inclui os israelitas não-salvos não é um bom argumento. Não somente não descobrimos israelitas não-salvos na Igreja, como também não encontramos gentios não-salvos ali – se por “Igreja” Ryrie quer dizer a Igreja invisível. Mas se ele está falando da Igreja visível, certamente havia israelitas não-salvos nela, bem com gentios não-salvos arrolados nela durante o primeiro século. A idéia da Igreja não é racial; ela representa um *Israel purificado* (Rm. 2:28-29), não uma adoção no atacado da raça judaica. O argumento de Ryrie é irrelevante. A Igreja cumpre a profecia do AT.

Com respeito à visão do “parêntese” ou intercalação da Igreja, já observei que existem passagens proféticas do Antigo Testamento que se aplicam ao chamado dos gentios no Novo Testamento. *Elas falavam da Igreja.* Outra ilustração em adição àquelas dada acima é o uso que Paulo faz de Oséias 1:9-10 e 2:23. Em Romanos 9:24-26, Paulo interpreta esses versículos com um contexto fortemente judaico como se referindo à salvação dos gentios na fase do Novo Pacto da Igreja: *profecia cumprida.*

Nem devemos considerar a era do Novo Pacto e da Igreja internacional como um mistério que estava “completamente não-revelada no Antigo Testamento”, como Ryrie o faz. A clareza da revelação aumenta no Novo Testamento, e a audiência que a ouve expande, mas a revelação em si *foi* dada no Antigo Testamento. A questão é: *para quem* a revelação era um mistério?

Em Efésios 3:3-6 lemos: “Segundo uma revelação, me foi dado conhecer o mistério... o qual, em outras gerações, não foi dado a conhecer aos *filhos dos homens*, como, agora, foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito, a saber, que os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho”. Em Romanos 16:25-26, Paulo aponta que o “mistério” da salvação gentilica foi oculta somente dos *gentios* (que em Efésios 3 Paulo chama de “os filhos dos homens”), *não dos profetas do Antigo Testamento*, pois ele defende sua doutrina do mistério a partir das “Escrituras dos profetas”. Ele fala da “revelação do mistério que desde tempos eternos esteve oculto, mas que se manifestou agora e *se notificou* [‘foi dado a conhecer’, na RA] *pelas Escrituras dos profetas*, segundo o mandamento do Deus eterno, *a todas as nações* para obediência da fé” (RC). Paulo diz que o “mistério” que foi mantido em oculto “se manifestou agora” a “*todas as nações*”, não apenas a Israel. A Igreja não é nenhum “parêntese”.



Em Lucas 24:44-47, o Senhor ensinou que era necessário ele morrer para cumprir a Escritura, trazendo salvação aos gentios. “A seguir, Jesus lhes disse: São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco: importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos. Então, lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras; e lhes disse: Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a *todas as nações*, começando de Jerusalém”.

A distinção entre judeu e gentio foi abolida *para sempre*. Paulo aponta esse fato em Efésios 2:11-16: “Portanto, lembrai-vos de que, outrora, vós, gentios na carne... naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo. Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo. Porque ele é a nossa paz, *o qual de ambos fez um*, e, *tendo derribado a parede da separação que estava no meio*, a inimizade, *aboliu*, na sua carne, a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, *para que dos dois criasse, em si mesmo, um novo homem*, fazendo a paz, e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, *destruindo por ela a inimizade*”.

Assim, “não há judeu nem grego... porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl. 3:28, RC) e “não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão” (Cl. 3:11, RC). Todavia, os dispensacionalistas vêem a Igreja como um parêntese temporário no plano de Deus! Após a Grande Tribulação, eles ensinam, a Igreja será substituída por um templo judaico reconstruído e seus sacrifícios de animais!

Muitos dos Pais da igreja primitiva – mesmo aqueles que os dispensacionalistas modernos chamam de pré-milenistas – entendiam a Igreja como sendo o recipiente das promessas de Israel. É apropriado nesse ponto citar a dissertação de Th.M. de Alan Patrick Boyd, historiador formado no Seminário de Dallas: “A maioria dos escritores/escritos nesse período [70-165 d.C.] identificam completamente Israel com a Igreja”.<sup>26</sup> Ele especificamente cita Papias, 1 Clemente, 2 Clemente, Barnabás, Hermas, o Didaquê, e Justino Mártir.<sup>27</sup> Boyd observa que “no caso de Barnabás, ... ele dissociou totalmente Israel dos preceitos do Antigo Testamento. De fato, ele designa

---

<sup>26</sup> Alan Patrick Boyd, “A Dispensational Premillennial Analysis of the Eschatology of the Post-Apostolic Fathers (Until the Death of Justin Martyr)” (Dallas: Dallas Theological Seminary Master's Thesis, 1977), p. 47.

<sup>27</sup> Papias, *Fragment* 6; 1 Clement 3:1; 29:1-30:1; 2 Clement 2:1-3; 3:5; Barnabas, *Epistles* 2:4-6,9; 3:6; 4:6-7; 5:2,7; Hermas, *Similitudes* 9:16:7; 9:15:4; 9:12:1-13:2; the *Didache* (14:2,3), e Justin Martyr (*Dialogue* 119-120, 123, 125). Veja Boyd, “Dispensational Premillennial Analysis”, pp. 46, 60, 70, 86.

especificamente a Igreja como sendo a herdeira das promessas pactuais feitas a Israel (4:6-7; 13:1- 6; 14:4-5)".<sup>28</sup> Em outro lugar, Boyd escreve: "Papias aplicou muito do Antigo Testamento à Igreja".<sup>29</sup> De Hermas, ele observa "o emprego da fraseologia do antigo Judaísmo para fazer da Igreja o verdadeiro Israel...".<sup>30</sup> De Justino Mártir, diz Boyd: "ele afirma que a Igreja é a verdadeira raça israelita, apagando com isso a distinção entre Israel e a Igreja".<sup>31</sup> Embora os dispensacionalistas possam ficar embaraçados com as descobertas de Boyd, eles fariam melhor tomando-as seriamente.

**Fonte:** *He shall have dominion: A Postmillennial Eschatology*, Kenneth L. Gentry, Jr., p. 164-172.

---

<sup>28</sup> Boyd, *ibid.*, p. 46.

<sup>29</sup> *Ibid.*, pp. 60-61.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 70.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 86.